

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO CURSO
DE JORNALISMO

Luna Mariah Zunino Barbosa

Onde vivem as memórias

Florianópolis

2022

Luna Mariah Zunino Barbosa

Onde vivem as memórias

RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito para a obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.
Disciplina JOR 6802 - Trabalho de Conclusão de Curso,
professor Fernando Crocomo Orientador: Prof.^a Dra.
Leslie Sedrez Chaves.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Barbosa, Luna Mariah Zunino
Onde vivem as memórias / Luna Mariah Zunino Barbosa ;
orientadora, Leslie Sedrez Chaves, 2022.
p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Memórias. 3. Ditadura. 4. Luto. 5.
Construção de identidade. I. Sedrez Chaves, Leslie. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Jornalismo. III. Título.

Luna Mariah Zunino Barbosa

Onde vivem as memórias

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo.

Florianópolis, 18 de julho de 2022.

Profa. Dra. Valentina da Silva Nunes
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Leslie Sedrez Chaves
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Ildo Francisco Golfetto
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dra. Aglair Maria Bernardo
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Escrever essa página de agradecimentos faz passar um filme na cabeça. Faz passar um filme não só porque eu gosto de algumas frases clichês, mas também pelo fato de eu amar acessar as memórias da minha vida, aquelas que me trouxeram até aqui.

Quando eu tinha uns 10 anos de idade, fui de São João Batista à Florianópolis levar meu irmão ao aeroporto. No caminho passamos de carro por uma placa indicando o caminho da UFSC. Lembro-me de ter falando para minha família: aqui é a UFSC? Um dia eu vou estudar aqui. O fato de estar dentro, já é um sonho realizado. Um sonho que além de meu, é da minha família, mas principalmente da minha mãe, Cristiani. E não porque ela queria que eu estudasse na UFSC, mas porque qualquer coisa que eu me propusesse a sonhar, ela sonharia junto. Ela esteve ao meu lado antes do início e estará depois do fim. Meus avós, Ivone e Valmir, são minha segunda morada e me ensinaram, através de atitudes, a importância e o privilégio de ter uma família amorosa e unida. Essas são as pessoas que me ajudaram a chegar na universidade.

Meu segundo agradecimento é para as pessoas que me ajudaram a permanecer nesse mundo novo que se apresentou a mim. Às amigas que fiz durante a graduação, o meu profundo, muito obrigada. Por me ajudarem a construir partes de quem eu me tornei. Em especial à Daniela Müller, que esteve comigo desde o primeiro dia de curso e que tenho uma conexão inexplicável. Que me ajudou também, a olhar o mundo que existe dentro de mim. Lívia Tokasiki, que para mim, é sinônimo de acolhimento, em todos os sentidos. Admiro sua forma de olhar a vida. À Yeda, Giuliana e Sofia que, juntas, fizeram com que eu pudesse me sentir parte de uma família em Florianópolis.

Todos os professores que passaram por mim tiveram uma importante influência na profissional que venho me tornando. Portanto, não poderia deixar de citá-los nessa página, especialmente à minha banca. Prof.^a Leslie Chaves, agradeço por teres topado embarcar nessa longa viagem comigo e por me incentivar a seguir firme. À prof.^a Aglair, te admiro por conseguir enxergar em cada pedaço do mundo, algo excêntrico e fora do óbvio. Ao prof. Ildo agradeço por ter me introduzido a esse universo estético, e por me ajudar no processo de colocar para o lado de fora, traços do lado de dentro.

Ao meu namorado e parceiro de vida, Bruno Akira e a seus pais, Daniela e Gerson, obrigada por me acolherem na família e por me incentivarem a buscar o meu melhor tanto na vida profissional, quanto na pessoal.

RESUMO

O documentário "Onde vivem as memórias" tem o objetivo de gerar reflexões acerca das memórias individuais e coletivas, percorrendo três subtemas, cada qual, com seus episódios (identidade, ditadura e morte). O ponto de partida para cada episódio são as histórias de cada entrevistado, que são costuradas entre si e exploram as memórias no âmbito social, com vivências pessoais e históricas.

Palavras-chave: Memórias. Ditadura. Morte. Construção da identidade. Disputa da memória.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2.PROCESSOS DE APURAÇÃO	11
2.1 PRÉ-APURAÇÃO	10
2.2 APURAÇÃO.....	11
2.3 ROTEIRO	12
2.4 EDIÇÃO.....	12
2.5 ILUSTRAÇÃO DE CAPA	13
3. RECURSOS E ORÇAMENTOS	14
4. CONCLUSÃO	15
5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18
6.ANEXOS	19
7.APÊNDICES.....	20

1. INTRODUÇÃO

Memórias. Essa palavra pode ter muitos significados e sentidos diferentes. Podemos pensar nas memórias fisiológicas, que nos fazem lembrar ou esquecer algo. Ou memórias sociais, ligadas aos fatos históricos que só vivenciamos através dos livros. As memórias podem estar também à oralidade transmitidas de geração, em geração, em histórias de famílias. No dicionário a definição da memória é a seguinte:

memória *substantivo*
feminino 1.
faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos. "uma m. boa ou má"
2.
nome, reputação.
"a m. desse homem é ora caluniada ora defendida"
3.
aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência.
"a m. de um dia encantador"
(OXFORD LANGUAGES, 2022).

Independente do viés de interpretação, a memória é um dos mais importantes processos psicológicos, sendo responsável pela construção da nossa identidade pessoal e por nos guiar em maior ou menor grau em nosso dia a dia, desde o simples fato de recordar nosso nome e quem somos, até o porquê das existências do que há ao nosso redor. Um de seus objetivos é permitir a conexão com nossas histórias passadas no momento presente, resgatando, por vezes, as sensações e os sentimentos únicos daquele momento.

O papel da consciência é ligar com o fio da memória as apreensões instantâneas do real. A memória contrai numa intuição única passado- presente em momentos da duração. (BOSI, 1993, p. 280).

Qualquer tipo de memória é construída, já que não são fatos consumados. Aquelas chamadas de memórias sociais, que são as representações de acontecimentos históricos ou culturais, são um recorte da história e alvo de disputas entre grupos sociais. Essas disputas são um norte deste trabalho, que tem por objetivo recontar partes da história que foram apagadas ou silenciadas perante a história e memória oficial.

Mais especificamente com relação à Memória Social (mas também com relação à memória de maneira geral), pode-se dizer que essa se estabelece em um espaço-tempo que se relaciona ao mundo humano e no qual se afirmam poderes da Comunidade e dos indivíduos sobre si mesmos e sobre os outros. Daí a metáfora do território e da atividade que se exerce sobre esse território. (BARROS, 2009, P. 37).

Trabalhar com as memórias é como entrar em um mundo cheio de possibilidades. Dentro de tantos caminhos possíveis eu cheguei a três assuntos em que as memórias têm um vínculo forte.

Em três âmbitos diferentes: o cultural, o social/político e o individual. O primeiro deles é representado pela construção de identidade. Já que as memórias são construídas, como elas influenciam na nossa construção individual? Essa é uma pergunta complexa, assim como tudo envolvendo identidade. Aqui, eu busquei entender como a cultura do lugar onde você nasceu ou viveu reflete em quem você é ou deixa de ser.

Quando surge este vivo interesse em recuperar certas “memórias históricas”, senão no contexto de um tempo acelerado em que as identidades se veem ameaçadas? A história e a memória entrelaçam-se nas “memórias históricas” para preencher uma função importante: quando a memória viva de determinados processos e acontecimentos começa a se dissolver através do desaparecimento natural das gerações que os vivenciaram, começa a se tornar ainda mais necessário um movimento de registro destas memórias. (BARROS, 2009, p. 53).

Partindo para o campo social e político, procurei um marco histórico do país e cheguei na ditadura militar que teve início em 1964. A combinação de relevância do tema com um profundo interesse pessoal me fez acreditar que esse evento seria excelente para traçar o paralelo entre as memórias e as histórias oficiais.

As narrativas de memórias são um tipo de vínculo entre sujeitos e grupos, e, sob uma perspectiva sociológica, esta é a dimensão realmente significativa. Por isso, se de fato existe uma distinção entre a memória social e a memória política, ela está no tipo de vínculo social que ambas estabelecem. Se a memória social remete para a configuração de laços sociais espontâneos, que tipo de vínculo social sustenta a memória política? A nossa hipótese é a de que se a memória social está associada a vínculos sociais espontâneos, a memória política está associada a ações intencionais. (LIFSCHITZ, 2014, p. 148)

O último tema e também, o mais sensível: a morte. A meu ver, poucas coisas são tão íntimas e delicadas quanto a morte. Inclusive, esta temática é bastante vinculada às memórias. No fim, elas são tudo o que nos resta. Este episódio é um registro, uma prosa, um acalento.

...não só o próprio indivíduo se constrói a partir das memórias que o envolvem, mas ela é também a ferramenta utilizada para a manutenção e preservação do outro na lembrança daquele que rememora. É assim que os mortos continuam vivos na memória dos que ficam. (MORAIS, 2014, p. 90)

Uma das entrevistadas, a Karen, guarda cada objeto ligado ao Nicolas. Desde fotografias, até a pulseirinha de identificação do hospital. “Então eu tenho uma caixinha de recordações. Aquilo ali me faz viajar, sabe. As fotos me remetem para aquele momento e a caixinha de objetos me levam pra ele mesmo, lá pra dentro, parece que eu tô ali vendo ele”. Para este trabalho, as memórias são tudo. Registros, disputas, pertences e resgates.

2. PROCESSOS DE PRODUÇÃO

2.1 PRÉ-APURAÇÃO

Minha trajetória na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso foi extensa e cheia de percalços. Em 2020 quando me matriculei na disciplina de Planejamento do Trabalho de Conclusão de Curso, eu já havia definido o tema: A naturalização da guerra entre o Estado e as comunidades periféricas. Violência policial sempre foi um assunto que me motivou. Tanto no âmbito profissional, quanto pessoal. Minha ideia era fazer um documentário que traçasse um paralelo entre as músicas de rap num estilo de denúncia e a realidade violenta e racista da polícia militar. Entretanto, em março de 2020, tivemos uma súbita mudança no mundo como consequência da pandemia causada pela Covid-19.

A ideia de gravar um documentário se tornou inviável devido ao isolamento social, no qual permanecemos por quase dois anos. Com a impossibilidade de continuar com o tema da forma que eu havia imaginado, decidi esperar para poder dar continuidade. Nesse meio tempo, continuei a pesquisa e fiz alguns contatos para adiantar a pré-apuração. Cheguei a realizar uma entrevista online. Mas com um exercício de autorreflexão, percebi que esse tema não era apropriado para o momento pessoal em que eu estava vivendo. Pesquisar sobre a violência policial em uma época de insegurança e incertezas, acabou me trazendo gatilhos emocionais e eu optei por não seguir adiante com a produção.

Posso dizer que no início de 2020 eu tive muitas vivências positivas, em todos os âmbitos da vida. Quando fomos surpreendidos com todas as mudanças sociais e emocionais que a pandemia nos trouxe, de uma maneira natural e, de certa forma, como proteção do desconhecido, eu entrei em um estado de nostalgia que foi embalado inicialmente pela escrita. Revirando meu acervo pessoal, comecei a produzir vídeos que me fizessem sentir mais próxima das pessoas, das quais eu não tinha mais contato fisicamente. Foi aí que as memórias se apresentaram para mim de uma forma intensa e diferente.

Em uma rede social que divulgo meus trabalhos audiovisuais, criei uma série de vídeos sobre as memórias e tive trocas virtuais muito interessantes. E em algum momento surgiu a ideia de transformar esse assunto, o qual eu criei muito apreço, em meu Trabalho de Conclusão de Curso. Levei a ideia para minha orientadora, Leslie Chaves e ela me ajudou a definir o formato. Eu tive preferência por trabalhar com vídeo, um formato que me aproximei durante o curso e fora dele. Optamos por fazer uma série documental, na qual eu pudesse criar episódios para diferentes temas traçando um paralelo com as memórias: Construção da identidade, política e morte. A diversidade entre os temas teve o objetivo de mostrar que as memórias estão envolvidas em todos os aspectos de nossa existência, como indivíduos e como sociedade.

Definido o tema e subtemas, comecei o contato com as fontes. Para entender melhor como funcionam as memórias no âmbito fisiológico, entrevistei o psiquiatra João Victor Lorenzetti.

Essa foi a única entrevista que não foi usada nos materiais finais. Apesar da nossa conversa servir como base para a realização de outras entrevistas, ela não se encaixou no produto final.

EPISÓDIO 1 – Construção da identidade

Nome: Sobre ser e pertencer.

Sinopse: Como as memórias coletivas e individuais influenciam na construção da nossa identidade? Seja nos hábitos, crenças, valores e ambições. Tudo que somos tem referência de algum lugar. Para o estudante indígena e futuro jornalista Jucelino, sua origem é a motivação de todas as suas escolhas de vida. A Cauane, pesquisadora e artista negra, encontrou nos antepassados histórias e forças que lhe guiaram também na vida profissional. Seu interesse pela negritude inspirou sua pesquisa de mestrado e as canções que ela compõe para o grupo Cores de Aidê.

EPISÓDIO 2 – Ditadura

Nome: Sobre marcas e repetições de 1964.

Sinopse: Foram 21 anos de ditadura militar no Brasil. Quantas memórias são criadas em duas décadas de repressão? Para resgatar algumas dessas memórias, conversei com a dona Yara e seu marido, Wolf. Eles se conheceram durante a ditadura em uma das várias mudanças de endereço que Yara, perseguida política, fez na época. A Lúcia e a Daniela traçam um paralelo importante entre o passado e o presente da política brasileira.

EPISÓDIO 3 – Morte

Nome: Sobre quem partiu.

Sinopse: Aqui as memórias são o que transformam a dor em lembranças e aprendizados. De que forma manter vivos os que se foram? Seja através de uma fotografia, de uma música ou uma lição que te acompanha para sempre. A Karen teve a companhia do Nicolas por quase três meses até sua partida. Mas com ele, ela aprendeu mais do que em sua vida toda. A maior lição foi de como aceitar e mantê-lo vivo nas histórias de família. Já o Pacheco, foi uma das vítimas da COVID19, depois de constituir sua família ele deixou a esposa e três filhos. Mas além da saudade, ele deixou um legado.

2.2 APURAÇÃO

As entrevistas presenciais foram liberadas pelo Departamento de Jornalismo devido à vacinação e à diminuição dos casos e mortes relacionadas à Covid-19, obedecendo às recomendações do protocolo de biossegurança da Universidade. Assim, comecei a procurar as fontes ideais para a produção. Depois do Dr. João, entrevistei a psicanalista Daniela Mayorca, que fez parte do projeto Clínicas do Testemunho. Ela me apresentou a Yara, que foi uma perseguida política na época da ditadura. A Yara conheceu seu marido, Wolf, em uma das mudanças de casa durante a época em que ficou na clandestinidade. Achei interessante ouvi-lo também e voltei na casa deles para fazer uma entrevista com ele. Quase no final das apurações para este episódio, eu sentia que ainda faltava algo, um ponto de vista da verdade, memória e justiça. Então entrei em contato com o Instituto Memória e Direitos Humanos da Universidade Federal de Santa

Catarina e eles me passaram o contato da cientista social Maria Lúcia Haygert. Além de militante do Coletivo Catarinense Memória, Verdade e Justiça, ela também teve um pai preso político.

Para as entrevistas do episódio sobre a morte, entrei em contato com uma prima, que havia perdido o filho, ainda bebê. A escolha dessa fonte se deu pela maneira como a Karen lida com a morte do filho. Para muitos, a morte é um tabu. Mas a maneira como ela trata as histórias e vivências dele me fizeram acreditar que ela seria uma fonte perfeita para o episódio de morte e memórias. Os outros entrevistados deste episódio são integrantes da família do Pacheco. Pelo período histórico que vivenciamos com a Covid-19, achei interessante trazer as memórias de uma pessoa que foi acometida pelo vírus. Outro ponto importante nas duas histórias deste episódio é a diferença na idade dos que partiram. Meses ou anos de vida não definem a importância das memórias criadas.

Construção da identidade. Esse foi o episódio que mais demorei a construir. Por vezes pensei até em desistir dele. Mas graças a profa. Leslie, que me motivou a continuar e me indicou caminhos, eu continuei. Foi através dela que encontrei as histórias deste episódio. Jucelino, estudante de jornalismo e ativista das causas indígenas e Cauane, mulher negra, pesquisadora e artista. Essas duas pessoas carregam consigo tanto no âmbito pessoal, quando no de trabalho, as memórias de seus antepassados, que muitas vezes foram excluídas das memórias coletivas.

2.3 ROTEIRO

A escrita dos roteiros foi uma das principais etapas de todo o processo. Optei por me inserir nos episódios. Além da narração, feita por mim, trouxe para o telespectador alguns dos meus processos até chegar naquele momento específico. Tive como referência muito forte o *podcast* República das Milícias, do jornalista Bruno Paes Manso. Em menor grau do que a referência, busquei contar as histórias através do meu ponto de vista e raciocínio.

A criação dos roteiros foi um processo demorado. Não utilizei nenhum recurso para a decupagem das entrevistas (que tinham aproximadamente 2 h cada). Meu método consistiu em escrever as introduções, sempre com um tom mais poético, e partir para a costura das entrevistas. Escutei cada uma delas repetidas vezes. Transcrevi as partes que iria usar, já na ordem cronológica, colocando na anotação o número do arquivo e o tempo da sonora. Para os nomes dos episódios busquei algo que os ligasse, decidi por usar a palavra “sobre” em todos eles.

2.4 EDIÇÃO

A parte mais divertida do processo inteiro foi a edição. Aqui é onde pude ver a narrativa escolhida tomar forma. Foi também um processo demorado, por conta dos detalhes. A maior dificuldade foi encontrar imagens de apoio para cobrir os *offs*.

2.5 ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Faltando três semanas para a entrega do material eu entrei em contato com minha amiga-irmã, Daniela Müller, para encomendar uma ilustração que seria a capa do documentário. Ela foi uma pessoa importante durante toda a graduação, a pessoa com quem mais convivi e tive trocas. A ideia partiu de uma resposta em comum dos entrevistados. Quando eu os questionava sobre onde viviam suas memórias, muitos deles responderam que elas viviam em seus corações. Levei a ideia para a Daniela e chegamos nesse conceito juntas. A mão representa os indivíduos e a sociedade, o fio representa as memórias e o coração, representa as emoções.



(figura 1: resultado final da capa do documentário)

3. RECURSOS E ORÇAMENTOS

ITEM	DESCRIÇÃO	QUANTIDADE X VALOR	VALOR FINAL
Canon EOS Rebel T7i	Captação de imagens	1 x R\$6.742,28	1 x R\$6.742,28
Lente ef 50mm 1.8 canon	Captação de imagens	1 x R\$849,00	1 x R\$849,00
Lente ef 24mm 2.8 canon	Captação de imagens	1 x R\$948,93	1 x R\$948,93
Microfone Synco G2 A2	Captação de áudio	1 x R\$1.599	1 x R\$1.599
Microfone Rode GO	Captação de áudio	1 x R\$450	1 x R\$450
Led YongnuoYN360	Iluminação	1 x R\$999	1 x R\$999
Cartão de memória 64gb	Captação de imagens	1 x R\$150	1 x R\$150
Tripé	Captação de imagens	2 x R\$100	2 x R\$200
Osmo Poket	Captação de imagens	1 x R\$1.400	1 x R\$1.400
Notebook Acer Nitro 5	Edição e armazenamento	1 x R\$6.000	1 x R\$6.000
Captação de imagens	Apx. 9h de captação de imagens	1 x R\$1.800	1 x R\$1.800
Edição	Apx. 45h de edição dos materiais	1 x R\$4.200	1 x R\$4.200
Descolamento	Deslocamento para captação	1 x R\$270	1 x R\$270
TOTAL			R\$25.338,21

4. CONCLUSÃO

Memória, para mim, é tudo em que a minha essência se baseia. Quando penso em memórias, não importa ao que elas estejam ligadas, um sentimento de nostalgia toma conta do meu corpo. Ao longo de todos os processos esse foi o sentimento predominante e, também, o sentimento que confirmou o acerto no tema. Ouvir resgates da memória individual de cada um dos entrevistados e entrelaçá-los foi como desvendar o caminho de um labirinto, testando vários deles, até chegar na saída certa.

Os relatos que presenciei oscilavam naturalmente entre as memórias, a história, o passado e o presente e o meu trabalho foi o de transformar tais oscilações em uma narrativa contínua e fiel às memórias de quem os contou. Do ponto de partida até o resultado final posso dizer que muitas memórias foram resgatadas, recontadas e criadas.

A ideia de trazer três subtemas, no início, me parecia uma tarefa mais fácil de realizar, do que realmente foi. Ao longo do processo mergulhei de cabeça em cada um dos temas e o exercício de saber quando parar foi essencial. O maior desafio durante o processo de roteirização foi interligar tais histórias. A escolha de narrar e conduzir essas ligações foi parte importante do resultado do documentário.

A escolha desses subtemas (identidade, ditadura e morte) também manifesta minhas experiências e interesses. Meu processo de construção de identidade é alvo de muitos debates internos e veio à superfície depois do ingresso à universidade. As pautas promovidas no ambiente universitário, fizeram-me questionar onde eu me encaixo. Sou mestiça, tenho uma mãe branca e um pai negro. Venho de uma cidade onde a população é majoritariamente branca, incluindo minha família materna, a única que tive contato durante a vida. Nunca tive referências de pessoas negras antes da vida adulta e apesar de saber que eu não era branca, eu também não me lia como uma pessoa negra.

Embora eu tenha seguido com as reflexões acerca da minha identidade, ela ainda não se revelou por completo. Entretanto, o movimento íntimo da busca dessa identidade, revelou muitas nuances entre as memórias e a complexidade que é encontrar esse lugar em uma sociedade e Estado que silenciam histórias e culturas. Ter a oportunidade de trocar experiências com a Cauane e o Jucelino, além de me inspirar, também me possibilitou obter um maior entendimento entre as memórias individuais e coletivas.

O episódio que resgata o período da ditadura, apresentou de maneira escancarada como o Estado se beneficia com o apagamento. Em quesito de memória podemos colocar lado a lado, esse marco histórico à segunda guerra mundial e fazer a comparação de como cada lugar no mundo preserva as memórias. Durante todo o episódio uma frase apareceu mais do que uma vez: quem não conhece profundamente a sua história, tende a repeti-la. O objetivo principal de trazer esse assunto é de ter mais um registro.

E no fim a morte chega para todos, entretanto, quem lida com ela não são os que partiram, mas os que ficaram. Tudo que restam são as memórias. Tanto para a família do Nicolas e do Pacheco, quanto para todas as outras que veem entes queridos partirem. O contexto da pandemia do novo coronavírus me impulsionou a abordar essa temática tão sensível. Nos últimos anos, fomos aproximados às incertezas que pairam sobre a vida e a morte. Os resgates memoriais deste episódio foram muito individuais. Por muitos momentos me questioneei a relevância jornalística de tratar da morte.

Quando finalizo cada roteiro, faço o exercício de me deixar tocar, como se eu não soubesse o que está por vir. O episódio sobre quem partiu traz vivências e memórias individuais, mas que ao mesmo tempo, podem ser repetidas em diversas histórias de vida, em maior ou menor grau.

Revendo os materiais prontos eu volto ao início, quando tudo era apenas conceito e ideias. Desejo de todo coração que esses relatos, testemunhos e vivências retratados através desse formato completo que é o vídeo, possa tocar quem assiste. Que as memórias desse momento, transformem-se em sentimento de nostalgia e que, por conseguinte, crie mais memórias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicosp/v4n1-2/a12v4n12.pdf> Acesso em 24/04/2022.

BARROS, José. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. Rev. MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf Acesso em 09/07/2022.

LIFSCHITZ, Javier. Os agenciamentos da memória política na América Latina. Revista brasileira de ciências sociais - vol. 29 n° 85. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/hGwsMdXysghWkfz7YdyhwSs/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10/07/2022.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> Acesso em: 09/07/2022.

MORAIS, YAN BEZERRA DE. A morte, o luto e a memória: possibilidade de compreensão sociocultural e histórica. Cadernos de Clio, Curitiba, n.º 5, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cliio/article/view/40217> Acesso em: 25/07/2022

MEMÓRIAS. In: Oxford Languages and Google, 2020. Disponível em: <https://support.google.com/websearch/answer/10106608?hl=pt-BR> Acesso em: 25/07/2022.

SILVA, Paulo. Lembrar para esquecer: a memória da dor no luto e na consolação. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 14, n. 4, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/7hkGMzpWcYGkFpysvDXFYmH/?lang=pt#> Acesso em 01/07/2022.

6, ANEXOS

6.1 ANEXO 1: Declaração de Autoria e Originalidade

DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Luna Mariah Zunino Barbosa, aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 16204366, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Onde vivem as memórias” é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 18 de julho de 2022

Documento assinado digitalmente
gov.br LUNA MARIAH ZUNINO BARBOSA
Data: 11/07/2022 10:43:02-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Assinatura

7. APÊNDICES

7.1 APÊNDICE A: Roteiro do 1º episódio

ROTEIRO EP. 1 – SOBRE SER E PERTENCER

LOC: Quem é você?

Quando alguém nos faz essa pergunta, geralmente é difícil responder prontamente. Esse é um questionamento complexo, que nos faz lembrar de toda nossa existência e, até mesmo, além dela. Nossa identidade não começa a se formar, para nós mesmos, no momento em que nascemos, tampouco se encerra, para os outros, no momento da nossa morte.

A identidade é construída ao longo da vida, por um processo contínuo. É formada por valores, memórias individuais, de família, da cultura da cidade em que você nasceu ou viveu e, até mesmo, de histórias e lugares nos quais você nunca esteve. A identidade e a memória caminham juntas. Você já parou para pensar em tudo que te influencia a ser quem você é, a pensar como você pensa ou a agir como você age?

Juce filho

6066

00:41 - 1:06

Eu sou uma pessoa de muitas camadas, um prisma de várias coisas. Eu sou ativista político das causas indígenas, eu sou estudante de jornalismo, também uma grande parte de mim. Sou apaixonado por esse mundo que a UFSC é, devo muito a esse lugar, a essa universidade, me mostrou muitas coisas.

1:11 - 1:35

Acho que quem eu sou agora, tem muito a ver com quem eu me tornei dentro da UFSC. Então nesse momento o que define quem eu sou: acho que eu sou um estudante muito ativo nas causas indígenas, sou uma pessoa feliz por estar dentro desse universo contando as histórias do meu povo através do meu olhar.

LOC: E os lugares onde vivem nossas memórias podem dar uma pista de quem somos...

Cauane

8406

00:06

As minhas memórias vivem na música, na importância da educação para mim. A música, a arte e a educação me fizeram, me constituíram.

A minha memória vive nesses lugares, onde tem uma boa leitura, uma boa contação de histórias, um bom batuque, uma boa música. Uma poesia, uma escrita. Isso faz com que eu volte e siga adiante.

Roda vinheta

LOC: As memórias não são fatos consumados. Elas são construídas, individual e socialmente, com muitas nuances entre interpretações. Os grupos sociais disputam esse bem tão estimado que é a memória, aquela que vai ser repassada de geração em geração. A disputa pode não ser bem pelas memórias no sentido literal da palavra, mas sim por quais histórias de determinado período ou fato, serão caracterizadas como oficiais.

LOC: Quando você tem o sentimento de pertencer à cultura do lugar onde vive, a imagem de quem você é pode ser mais facilmente identificada. Mas quando você nasce ou mora em um lugar onde a memória coletiva construída é diferente de você ou de como você se enxerga no mundo, alguns degraus a mais se formam e esse caminho para o reconhecimento da sua identidade pode se tornar mais lento e confuso.

LOC: Para este episódio de *Onde vivem as memórias*, busquei trazer duas pessoas muito conectadas com suas culturas e ancestralidades. Aqui, as memórias não são apenas para recordar vivências. Elas são utilizadas para reescrever partes da história que, de uma forma ou de outra, foram apagadas. A Cauane e o Jucelino, fazem daqueles grupos que disputam a construção da memória coletiva.

LOC: Quando se fala em Brasil, as memórias e narrativas coletivas enaltecem a pluralidade étnica e cultural. Esse é o país das pessoas felizes e calorosas, onde todos os povos convivem com suas diferenças em harmonia e respeito. Agora, se no meio de tanta diversidade, você quer encontrar um gostinho da Europa no Brasil, sejam bem-vindos à região Sul.

Clipe oktober, pomerode, italiana.

LOC: Grande parte dessa região foi colonizada por grupos europeus, em sua maioria alemães, italianos e portugueses. A cultura desses lugares segue sendo preservada nos costumes, comidas e na arquitetura. Em Santa Catarina, por exemplo, existe uma região turística chamada de Vale Europeu e é lá que está Pomerode, a cidade mais alemã do Brasil; Blumenau, palco da famosa Oktoberfest ou então, a capital Florianópolis, que carrega muitos traços da cultura açoriana.

Rebobina

LOC: Colonização: o ato ou efeito de colonizar; estabelecimento de colônia. A colonização é a chegada de determinado grupo a uma nova terra, já povoada ou não. Quando nesta terra já existem povos, com suas culturas estabelecidas, o processo de colonização costuma ser bem violento. No Brasil, por exemplo, aprendemos nas escolas durante muito tempo que o nosso

país foi descoberto pelos portugueses. Essa é uma memória construída através da narrativa portuguesa e repassada por séculos, até nos dias atuais, nos quais surgiram muitos debates acerca da temática. Afinal, o que existia antes da colonização?

Juce Filho

6068

2:14 - 3:35

Todo lugar tem alguém que nasceu ali, que é originário dali, entende? Nós somos originários daqui. E é uma injustiça falar que essa terra não é nossa, porque isso aqui foi tomado de assalto. O Brasil não é português, não é espanhol, o Brasil não é alemão, sabe.

Quando você passa por Blumenau, você vê uma placa. Quando você vai chegando em Blumenau, naquelas cidades perto, onde tem a colonização alemã, você vê uma placa escrito: Vale Europeu. Se você for atrás e pesquisar bem a fundo, você nem precisa ir muito longe, pode ir na internet. Aquele vale não era europeu. Poderia ser descrito como Vale Indígena. Que a história sangrenta daquilo ali tornou um vale europeu.

LOC: Esse é o Jucelino de Almeida Filho. Ele é indígena do povo Laklãnõ-Xokleng, estudante de jornalismo. Muito ativo nas causas indígenas, ele utiliza o jornalismo como meio de recuperar e levar adiante as memórias do seu povo.

LOC: De acordo com Brasília Priprá, líder dos Laklãnõ-Xokleng, seu povo habita a região Sul do Brasil há 5 mil anos. Isso mudou com a chegada dos colonizadores europeus em 1904, ano que foram iniciados os ataques às aldeias. Depois de 10 anos de matança, foi em 1914 que os Laklãnõ-Xokleng se viram sem saída a não ser aceitar o contato com os homens brancos.

Juce Filho

6067

1:05 - 1:53

Eu entrei na universidade pensando em contar essa história, a história do meu povo. A maioria das reportagens que eu faço, que eu já fiz, os trabalhos de documentários que eu já fiz e todas essas coisas mais, foi voltado para as causas indígenas. Do meu povo, de outros povos. Então eu pude entender mais como ajudar o meu povo e eu pude conhecer outros povos, o que me fez entender que as pessoas tem que parar de pensar que indígena é tudo igual, a gente não é, entende? Eu mesmo não sei quais são os costumes dos indígenas guaranis, kaingang e os pataxó, entende? Eu tive oportunidade de conhecer muitas outras terras indígenas trabalhando com documentário e vi o quanto a gente é diferente, mesmo sendo indígena.

Cauane

8401

1:43 - 1:57

Ter contato com essas narrativas, fazer um trabalho voltado para a população negra, com a população negra, é algo que também me traz afirmações identitárias, né?!

LOC: Essa é a Cauane Maia, é difícil colocar em um único parágrafo a biografia dessa mulher. Mas resumindo, de SP mas foi criada em Salvador, e desde 2008 mora em Florianópolis. É mestra e doutoranda em antropologia, bacharel em administração e estudante de ciências econômicas. Além disso, ela tem uma carreira musical no grupo Cores de Aidê e é autora do livro Vozes Negras em Florianópolis, que fez parte da sua pesquisa de mestrado.

LOC: A escolha do local para fazer essa pesquisa surgiu através de alguns pontos. E o principal foi a expansão do grupo musical, Cores de Aidê, do qual ela participa. A Cauane me contou que o espaço onde elas ensaiavam ficou pequeno. E aí, elas passaram a ensaiar no Morro da Caixa, à convite da escola de samba Copa Lord. Então, o Morro da Caixa e Mont Serrat se apresentaram para ela de tal forma que ela escolheu esses lugares como palcos de sua pesquisa.

Cauane

8409

00:42 - 1:09

Quando eu fui começar a escrita e a pesquisa, de fato, eu vi que ali era a comunidade com maior autodeclaração de pessoas pretas, eu vi que ali era a comunidade mais antiga do Maciço do Morro da Cruz, a história da constituição daquele lugar é absurdamente interessante. E eu falei, cara não foi por um acaso, tinha um propósito e tinha que ser sobre aquele lugar.

Cauane

8401

1:57 -

Eu tenho um interesse específico nessa temática, que é a identidade. Que é muito cara para a antropologia. E que é um debate que também suscita várias ambiguidades. Porque não é algo essencializado, né. É algo construído socialmente, é algo construído nas relações. Então como isso vai ser formado e elaborado dentro de um contexto de relações inter-étnicas. Como se apresenta, por exemplo, no sul do Brasil, que é uma característica muito peculiar. O racismo vai se estruturar de formas muito diferentes no país inteiro. E pensar isso no sul do Brasil traz elementos muito particulares.

Juce Filho

6067

00:28 - 00:36

A minha história não começou comigo. A minha história começou com os meus avós, meu bisavós e antes deles, e assim vai, né.

Juce Filho

6067

1:53 - 2:51

Quando a gente foi para a manifestação do ATL, que é o Acampamento Terra Livre, eu e meu primo fomos fazer cobertura para a TV UFSC, para os veículos da UFSC. Foi a primeira vez que eu participei de um movimento tão grande, de uma manifestação grande. Reuniu seis mil e poucos indígenas, quase sete mil, sabe. E a gente pode ver a pluralidade, como as culturas são

diferentes, mas como o sentimento de... não vou dizer irmandade, porque todo mundo se chama de parente lá, né. Como o sentimento de nação indígena é muito forte dentro desses movimentos, sabe. E eu comecei a notar que isso é algo muito, muito grande, sabe. E contar a história disso tudo é espetacular. Eu me senti parte da história. Era como um repórter que estava contando sua própria história.

Cauane

8401

4:17 - 4:50

Quando a gente fala que, por exemplo, quem nasceu em Florianópolis é manezinho, é uma referência direta aos descendentes de açorianos, né. A gente tem uma cultura açoriana latente na capital catarinense que é utilizada, inclusive, como mote turístico, e até aí tudo bem, desde que isso não seja uma condição para apagar outras pertences étnico-raciais.

Então eu percebi na minha pesquisa de campo, que os moradores daqui precisam estar a todo momento justificando esse pertencimento.

LOC: A Cauane explica que não é porque você NASCE num determinado lugar, que você vai SER desse lugar. Então, para ela, o que vai determinar o sentimento de identificação ou pertencimento, seja individual ou social, é você parecer com aquela imagem ideal que vive no imaginário coletivo sobre como as pessoas daquele lugar são. E isso foi construído ao longo do tempo.

5:30 - 5:55

E também você encontra o contrário. Pessoas negras nascidas na capital catarinense que vão para outras partes do país, também são interrogadas se elas são de Salvador, do Rio de Janeiro, mas nunca do Sul. Elas nunca são percebidas como parte desse território. Porque, também, é um território que se reivindica como euro-branco por muito tempo. Ainda é, Santa Catarina, a capital com maior autodeclaração de pessoas brancas. Pessoas que se identificam como brancas.

6:23 - 6:54

LOC: E ela percebeu durante a pesquisa de campo que, justamente por essa espécie de segregação, a população negra de Floripa reivindica sua negritude em muitos espaços e âmbitos da vida.

CAUANE: No campo religioso, no campo político, no campo econômico, no campo cultural. Em todos os lugares onde essa população ocupa, ela vai estar reivindicando a ancestralidade negra dela.

7:00 - 7:36

E isso pra mim, é algo que eu chamo no meu livro, na minha pesquisa, como revolucionário. Porque é uma estratégia, um mecanismo de sobrevivência, de subsistência num lugar de negação. Então, a partir de um momento que existe um estado, um município inteiro que negligencia essas presenças outras, que diz que aqui em Floripa não tem negros, em Floripa é

um lugar de cultura açoriana... E cadê os outros? E cadê os indígenas? E cadê a população negra? E cadê as outras presenças étnico raciais que são as matizes dessa cidade?

LOC: Ter que justificar esse pertencimento, é um dos pontos em comum dos nossos entrevistados.

Juce Filho

6068

10:21 - 10:38

É muito complicado ser indígena num país que não te aceita. Um país que quer te jogar pra fora a qualquer custo. E de pessoas que aceitam um discurso de um presidente que nem esse que a gente tem.

10:54 - 11:03

Ele valida tudo que as pessoas já pensavam, entende? Antes era um pouco mais mascarado, agora ficou muito, muito na cara. Bem escancarado.

11:12 - 11:55

Em Brasília, ano passado, os indígenas passando, todos trajados... porque isso aqui é um traje de batalha. Antigamente não se vestiam, não se pintavam se não fosse para a guerra. E todo mundo tinha noção de que aquilo lá era uma guerra. Então o que tinha a fazer lá... aquilo era uma guerra, de qualquer forma era uma batalha política. Todos foram para a marcha e todos caracterizados. E aí nas ruas você escutava: Porque não ficam assim todos os dias, se realmente são indígenas?

11:56 -

Eu já ouvi muito: ah, você não é indígena, você faz universidade. Indígena tá lá no mato.-- Ah porque não é índio, anda de carro, tem carteira de motorista, come mc donald. Índio de verdade tá lá no Amazonas, nem sabe que existe política, nem sabe que existe isso. Cara, e eu fico frustrado porque, assim, quem não evolui morre.

Juce Filho

6068

13:19 - 13:22

Se não for a gente fazer algo, ninguém mais vai fazer.

Cauane

8401

10:23 - 11:13

Quando eu fui para o Morro da Caixa, o Monte Serrat, o lugar onde eu fiz a pesquisa. Eu percebi que na década de 70 e 80 os moradores criaram um caderno de memórias. Para contar a história do lugar, a história dos vizinhos, contar como aquele lugar se constituiu, contar toda a história do bairro, pela perspectiva deles, porque não tinha nenhuma outra forma de passar isso adiante. As universidades não estavam interessadas, as editoras não estavam interessadas, as elites não

estavam interessadas. Então eles mesmos, moradores e moradoras criaram seu caderno de memórias. Isso pra mim, só aponta essa importância, de que essa história precisa ser contada, precisa ser recuperada, precisa ser atualizada, precisa ser reconhecida também na sua importância.

Cauane

8401

10:01 - 10:13

Tem uma adinkra, que é um símbolo africano, que é o sankofa, que é aquele pássaro olhando para trás. Que é, justamente, você reconhecer o seu passado, para você saber para onde você está indo.

LOC: O trabalho de olhar para trás, para saber onde está indo, é de extrema importância para quem quer recuperar a história. O trabalho de pesquisa da Cauane, os documentários produzidos pelo Jucelino, tem um papel muito importante para a população de Santa Catarina e para a história num geral. Esses documentários, sejam filmes ou escritas, são o resgate que ligam histórias individuais e sociais, para tornar oficial fatos apagados e silenciados.

Juce Filho

6068

09:32 - 10:11

Chegou um tempo em que dentro da terra indígena quase ninguém falava a língua. Os mais velhos estavam morrendo, os anciões, os pais e avós deles tinham sido mortos pelos bugreiros, que chamavam assim pessoas que eram contratadas para matar indígenas, entende? (*colocar foto dos indígenas e colonizadores alemães*) E a língua foi se perdendo. Poucos falavam. Foi através de um projeto de um ex-professor que se formou na UFSC, que fez doutorado aqui, que levou pra dentro e que a gente começou a falar a língua de volta. Então a Universidade teve muita influência no resgate cultural e tudo mais.

Cauane

8402

01:43 - 02:52

Um gatilho que foi um gatilho, que é sempre né.. quando eu falo dessa pesquisa, é falar sobre a presença das lavadeiras aqui em Florianópolis. Que foi uma figura arrimo de muitas famílias. As lavadeiras chefiavam famílias aqui em Florianópolis, e falar delas faz com que eu me remeta a memória da minha avó, que foi lavadeira lá na Bahia.

Então eu lembro da minha infância indo passar as férias na casa da minha avó e indo lavar roupa no rio com ela. Então quando elas falam: Ah, a gente lavava roupa no rio, na pedra. A gente quarava roupa aqui. Isso pra mim, acionam memórias muito minhas. E eu trago relato delas, assim. E tem alguns relatos que para mim são pontos sensíveis. Porque me emociona demais poder pensar que... a própria Conceição Evaristo fala da escrevivência, né. Aquele momento em que você escreve a vivência do outro e que é tão próxima da sua que você já não sabe se é sua ou é do outro.

Juce Filho

6067

7:10 - 8:15

O meu pai contava histórias para mim, que o meu avô contava para ele, que outras pessoas mais velhas repassavam, que são histórias que ficavam no meu imaginário. Por exemplo, eu gostava muito de ir com meu pai para o mato. A gente ia acampar e fazer essas coisas assim e ele sempre me dizia que eu nunca, jamais, podia imitar um passarinho no mato. Era uma coisa sagrada, assim, que ele me dizia. O mato tem uma coisa, tem vida própria, tem espíritos que cuidam dele. E se tu imitar um passarinho, pode ser um espírito ruim, que era o que ele falava. Uma coisa diferente... Aí eu fiquei com aquilo, sabe? É um respeito grande, que até hoje quando eu vou sozinho eu tenho um respeito muito grande. Que pode ser comparado com um certo medo... porque é uma coisa que me fez acreditar muito, sabe. Apesar de eu não saber se é verdade ou não, se é folclore ou não. Então são várias histórias assim que a gente conhece.

Cauane

8402

2:55 - 3:42

Tem uma narrativa da Neide, que ela vai contar a história dela como lavadeira. Subia e descia o morro, várias vezes, com trouxa de roupa. Porque elas lavavam para a elite catarinense do asfalto, né. Então ela falava que ela só arriava roupa, que ela só parava de lavar roupa quando ela estava prestes a ganhar o bebê, ganhar o filho. E, ainda sim, ela colocava outra pessoa para trabalhar no lugar dela, para não perder o cliente. E aí, ela vai lembrar da mãe dela que também fazia o mesmo ofício. E aí ela vai falar: ah, eu lembro da minha mãe sentada na pedra lavando roupa das 5 da manhã até 6 da tarde. E, como ela suportava aquele ofício, como eu suportava aquele ofício? Então quando ela traz isso, pra mim, é algo que me traz muitas coisas.

LOC: Ela lembrou também do relato da dona Bibina, outra história presente no seu livro.

Cauane

8402

3:50 - 4:21

Ela vai contar do compartilhamento do... que às vezes as lavadeiras não tinham o que comer, né. Então, todas iam para o mesmo espaço lavar roupa, então elas compartilhavam o pouco alimento. As vezes quando faltava, elas cantavam. Então para enganar a fome elas cantavam. E isso também aparece muito na biografia da Clementina de Jesus, da Quelé. Que ela vai falar disso, que ela canta cantos das lavadeiras. E quando elas falam sobre isso, me leva muito para as ganhadeiras de Itapuã, lá em Salvador também...

LOC: Esse tipo de canto, que a Cauane chama de canto e resposta, além de entreter e enganar a fome, é um canto político. Embora sejam vivências únicas, Cauane encontra algo que liga as experiências das lavadeiras e das ganhadeiras: o racismo.

Cauane

8402

4:37 - 4:52

Tem um fio condutor que é muito comum entre essas vivências todas. Atravessadas pelo racismo e pela escassez. E pela forma como o pós-abolição tratou essas pessoas e essas memórias.

Cauane

8406

2:45 - 3:26

Quando eu decido fazer uma pesquisa na antropologia sobre essa população, eu estou disputando aquele lugar. Eu estou disputando a narrativa desse lugar, né. E também, tentando desestabilizar o que está posto. Não, em Floripa tem negros, tem negros desde o início da colonização. Esses negros estão aqui também construindo a história da cidade. E através dessa perspectiva a gente tem uma outra percepção sobre Florianópolis. Quando eu subo o morro e vejo como eles contam a história, é muito diferente da história oficiosa. É muito diferente.

LOC: Quando escreveu seu livro através dessa pesquisa, Cauane, assim como outros autores e autoras catarinenses, pensou no impacto que recontar e resgatar a história do povo preto vai ter para outras gerações.

3:43 - 4:12

Eu penso nas pessoas que estão nas escolas e que vão ler sobre o Gentil do Orocongo, vai ler sobre Antonieta de Barros, Cruz e Souza, e vai dizer assim: olha que bonito ser uma pessoa negra catarinense! Olha que potente ser a primeira mulher deputada do Brasil, que saiu daqui, que era negra, professora. Então, essas histórias têm uma importância política absurda e de constituição, também, de uma autoestima.

LOC: Podemos dizer então, que a construção de identidade é caracterizada pelo sentimento de pertencimento, pelas histórias recontadas que são resgatadas através das memórias. O poder desse resgate é o de introduzir classes negligenciadas na memória coletiva oficial. É vencer pouquinho por pouquinho essa disputa, que luta para que novas gerações possam abrir um livro de história na escola e observar como os seus antepassados também contribuíram para a formação de Florianópolis, de José Boiteux, de Blumenau, de Santa Catarina, o sul do país e do Brasil como um todo.

Juce Filho

6071

1:02 - 1:55

As minhas memórias vivem no Norte, no Sul, vivem no Rio de Janeiro, em São Paulo. Elas vivem em todo lugar, as minhas memórias são as pessoas que eu conheci. As minhas memórias são as pessoas que eu tive o prazer de trocar algumas palavras, de tirar fotografias, são as pessoas que eu entrevistei, foram as pessoas que eu captei imagem, foram as pessoas que me deram presentes. São vivas em mim, são as minhas memórias. E com certeza a minha memória de hoje vai ser esse momento e vai ficar eternizado. Mas acho que elas moram muito no meu

coração. Sou uma pessoa muito emotiva. Então eu gosto de ter as minhas memórias sempre comigo para lembrar de onde eu vim, o que eu to fazendo aqui e porque eu to aqui.

CRÉDITOS FINAIS ao som de Meu lugar - Arlindo Cruz

7.2 ANEXO B: Roteiro do 2º Episódio

ROTEIRO EP. 2 – SOBRE AS MARCAS E REPETIÇÕES DE 1964

Inicia com Cartomante - Elis Regina.

LOC: A Elis na interpretação dessa música representa o que muitos brasileiros sentiram na época do regime militar. Nos dias de hoje pense nos seus filhos

E ela só conseguia pensar no seu filho quando foi levada pelo dops para alguns esclarecimentos. Ela abaixou a cabeça por medo de que um enfrentamento fosse separar ela do filho. Depois disso, ela ainda cantou o hino nacional para o exercício. A partir daí, muitos artistas e a imprensa fizeram críticas duras a ela, por ter cedido.

SONORA - [Elis 2017 - Drama, Biografia Filme Lançamento Completo e Dublado](#) 3:48 - 3:55

SONORA - Trecho 01 [Brasília Ano IX \(1969\)](#)

Esse era um dia de maior significação para o povo brasileiro. Após retornar à trilha democrática, que o conduzirá a um futuro promissor, iria ser realizada a eleição no novo presidente da nação.

LOC: Era 11 de abril de 1964, 10 dias depois do então presidente, João Goulart, ter deixado a capital brasileira a caminho do Rio Grande do Sul. Dias antes, especificamente 31 de março de 64, tropas comandadas pelo general Olímpio Mourão Filho, se deslocaram da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, em direção ao Rio de Janeiro, com o objetivo de colocar em prática um plano bem estruturado pelas forças militares.

[BRASIL 1964](#)

RODA VINHETA

LOC:

DITADURA CIVIL-MILITAR - 1964 - 1985

As várias histórias que compuseram esse grande e marcante evento político no Brasil, são registradas nos livros que estudamos na escola, transmitidas nos jornais e aparecem constantemente traçando paralelos com os dias atuais. [BRASIL 1964](#) +

Então pensa só o tanto de gente envolvida nisso? Ou melhor, a quantidade de memórias criadas nesses 21 anos de regime civil-militar?

SONORA [Liberdade de Imprensa no Brasil - General Newton Cruz](#)

Daniela

9668

4:13 - 4:59

A função da memória é ir tanto num plano coletivo, num plano social, mas isso a psicanálise já conhece desde muito mais tempo dentro do plano singular, vamos dizer assim. O que a gente não conhece sobre a gente mesmo, o que a gente não conhece sobre a nossa história a gente repete. O que nos traumatiza, a gente repete pela via do pior. E a gente repete, e as famílias repetem, e os filhos repetem e a sociedade repete. Até que a gente encontre um nome pra coisa, até que a gente encontre uma história melhor pra ela, até que a gente possa viver isso como memória, até que a gente possa viver isso como palavra e não como repetição.

LOC: E já que a memória tem um papel importante nessa quebra de um ciclo vicioso, este episódio de *Onde vivem as memórias* se compromete a ser um mais um registro das histórias individuais e coletivas vividas nesse período nebuloso do nosso país. Para que nunca se esqueça, para que nunca se repita.

Imagens: [BRASIL 1964](#) +

LOC: Para contar essa história, eu precisava ir direto na fonte e a Daniela, essa que você ouviu falar antes, me apresentou a uma personagem que vivenciou de perto o antes, o durante e o depois desses acontecimentos.

Imagens indo para a casa da Yara

LOC: A dona Yara, tinha 17 anos na época.

Yara abril

1403

04:40 - 04:57

O Governo do Estado, que era o Magalhães Pinto, aprovou e apoiou o golpe militar. Eles chamaram todos os movimentos sindicais para uma conversa, todas as lideranças populares. E prendeu todo mundo..

LOC: 01 de abril de 64. Ainda no Rio de Janeiro, João Goulart buscou apoio para a construir uma resistência ao golpe. No fim daquele mesmo dia, ele viajou até Brasília para conversar com militares que ele acreditava ainda ter apoio. O que ele não sabia, era que o golpe já estava estruturado também no Congresso Nacional. Jango, como era popularmente chamado, ainda com esperanças de negociação, parte para seu estado natal, Rio Grande do Sul, onde também contava com um forte aliado: Leonel Brizola. E mesmo estando em território nacional ele foi surpreendido com essa declaração do Congresso:

TRECHO: DECLARAMOS VAGA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA.

[Uma semana em 64: o Congresso declara vaga a presidência da República](#)

LOC: João Goulart foi vice-presidente de Jânio Quadros. Jânio eleito pelo Partido Democrata Cristão e Jango pelo Partido Trabalhista Brasileiro. Mesmo sendo oposição e pertencentes a

chapas diferentes, ambos foram eleitos nas eleições de 1960. Isso porque na época, presidente e vice eram votados de forma independente, como era previsto na antiga Constituição de 1946.

LOC: Em 1961, Jânio Quadros sofreu pressão do seu próprio partido para renunciar ao cargo, e assim o fez. Dizem que ele tinha esperança de resultar uma comoção nacional pedindo sua volta. Mas não foi o que aconteceu. João Goulart assumiu o governo no sistema parlamentarista, no qual ele não tinha como atuar sem o apoio dos parlamentares. Com a queda desse sistema e a volta do presidencialismo, Jango representou uma ameaça à oposição, já que agora que tinha o poder nas mãos.

LOC: Como efeito da guerra fria, a polarização política na época era grande e o mundo separado entre princípios comunistas e capitalistas. Com receio da expansão comunista e com o objetivo de impedir o crescimento desses ideais, os Estados Unidos tiveram um papel crucial no financiamento dos regimes militares em toda a América Latina. E no Brasil, não foi diferente.

LOC: Sendo considerado um político de centro-esquerda, João Goulart, planejava reformas de base.//

Yara maio

5856

08:13 - 08:56

Eu era muito simpática à isso na época. Eu era menina, mas ficava muito encantada com aquilo né.. pra mim era a ideologia que eu fui assumindo, né. As ideias que eu fui assumindo. Era a reforma agrária, reforma urbana. Pra ter casas para as pessoas né. Reforma bancária, reforma na educação. Então eram propostas para reformar o país no sentido de inclusão social.

LOC: Jango realizou um comício onde endureceu o tom sobre seus princípios e planos. Era 13 de março de 1964, com mais de 200 mil pessoas reunidas na Central do Brasil. //

SONORA: Jango [Comício da Central do Brasil - Discurso completo \(João Goulart, 1964\)](#) 7:28 - 7:52

LOC: Uma semana depois, militares e civis conservadores revidaram o discurso de duas maneiras: a primeira foi a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. E a segunda com o general Castelo Branco, que emitiu uma circular aos oficiais do estado-maior indicando que as medidas de João Goulart ameaçavam a segurança nacional. ([Marcha da família com Deus pela liberdade](#))

Yara maio

5856

09:16 - 10:06

Os grandes proprietários conseguem controlar a economia até hoje, né. Que se tem as bancadas rurais que são muito poderosas e que estão em todos os governos. Inclusive no governo do PT eles tinham uma força. Essa era uma reforma que era muito fundamental.

OFF Aqui, a Yara se referia às reformas agrárias.

YARA: E justamente, foram os avanços dessas propostas, na consciência da população, no engajamento da população, que levou ao golpe. Os poderosos se sentindo ameaçados, poderiam ter uma ameaça real. E aí eles se organizaram para o golpe.

LOC: Na falta de grandes aliados, João Goulart temeu que a resistência fosse iniciar uma guerra civil, já que os militares tinham o apoio dos Estados Unidos. Sem saída, ele se exilou no Uruguai. [Fuga de Jango em 1964](#)

Yara maio

5856

14:18

Ficou todo mundo torcendo para uma resistência, né. E só vimos prisões.

LOC: No dia 02 de abril, o presidente da Câmara dos Deputados, Pachoal Ranieri Mazzilli assumiu a presidência da república. Já no dia 11, eleições indiretas foram realizadas e então 4 dias depois, Mazzilli passou a faixa presidencial para o general Humberto de Alencar Castelo Branco.

Sonora: “Numa hora histórica, o novo presidente jura cumprir e defender a constituição.”
trecho 02 posse de Castelo Branco.

Yara maio

5856

14:27 - 14:43

Nos primeiros dias do golpe, ocorreram muitas prisões. Muitas prisões absurdamente assim, sem nenhum respaldo legal na época, porque nem tinha o Ato 5 na época, né. Que legalizou isso. E as pessoas sumiam.

LOC: Quase no final das apurações para este episódio, eu entrei em contato com o Instituto Memórias e Direitos Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, para pedir uma indicação de fonte. Alguém que falasse da ditadura, a partir da perspectiva da memória, verdade e justiça. Eles me passaram o contato da cientista social e mestra em antropologia, Maria Lúcia Haygert. Foi aí que eu me dei conta que eu já havia assistido a uma aula dela, justamente sobre o regime.

LOC: Ela topou uma entrevista e nos encontramos no acervo do IMDH, onde haviam vários documentos históricos da ditadura em Santa Catarina. Alguns deles, resgatados pelo Coletivo

Catarinense Memória, Verdade e Justiça, do qual a Lúcia faz parte antes mesmo de ele ter esse nome.

Lúcia

8411

04:57 - 5:27

Eu sou gaúcha e eu vim morar aqui em Florianópolis e aqui eu tive contato, conheci a pessoa que mais influenciou a minha trajetória que foi a Derlei Catarina De Luca, que é uma catarinense que foi uma perseguida política, foi presa, foi torturada, exilada. E ela tinha criado o Comitê dos Mortos e Desaparecidos.

5:46 - 5:57

Esse comitê, mais tarde, se transformou no Coletivo Catarinense Memória, Verdade e Justiça quando a gente começou a ter um entendimento melhor sobre a justiça de transição, né.

A Lúcia tinha seis anos em 1964, quando seu pai, Fernando Haygert, foi preso. Ele era assessor do ex-governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, que mais tarde se candidatou a deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro. O pai da Lúcia foi uma das pessoas que esteve à frente desse processo de candidatura e com Brizola eleito, ele continuou trabalhando para o político no Rio de Janeiro. Local onde ele também participava do grupo dos 11, uma articulação política organizada por Brizola.

Lucia

8411

2:16 - 2:54

Quando veio o golpe militar de 64 meu pai foi preso no Rio de Janeiro e ficou um tempo preso junto com outros companheiros. E eu não sei ao certo o que aconteceu, porque meu pai nunca mais falou a respeito desse período. E a partir da prisão, quando ele finalmente foi solto, ele tinha muito medo de ser preso novamente e ele ficou na clandestinidade. E nós da família ficamos sem notícias dele até que, anos depois, ele voltou para casa.

LOC: Yara antes mesmo de entrar na Universidade Federal de Minas Gerais, era uma simpatizante das ideias de Jango. Na verdade, além da vontade de cursar psicologia, uma outra motivação para o ingresso à UFMG, era participar do movimento estudantil no qual foi muito ativa.

Yara abril

1404

10:17 - 10:30

Aí eu fui parte de uma denúncia, de um cara que entregou a organização e eu fui processada e condenada.

11:01 - 11:37

Quem se entregava era preso e torturado. A defesa funcionava muito mal, as leis estavam sob... o ato institucional suspendeu os direitos todos. E teve no Congresso, e teve no Supremo... então não tinha recurso de defesa e a gente fugia da prisão. A gente fugia de ser preso e escapava.

LOC: A partir daí, Yara passou a viver na clandestinidade. A saída que ela encontrou, na época, foi pegar um ônibus de Minas Gerais em direção a São Paulo, onde teve que viver de casa em casa, sem contato com a família. Quem dava abrigo para os perseguidos eram simpatizantes do movimento.

Yara abril

1404

12:49 - 13:09

Mas você não tinha onde ficar definitivamente. Eu fiquei e outras pessoas também, ficamos muito tempo, a cada semana, a cada 2 ou 3 dias a gente tinha que mudar de lugar.

13:50 - 14:02

Ah, a clandestinidade é isso, né. Você corta suas relações familiares, de amizade, você suspende a sua história.

14:22 - 14:32

Arrumei uma documentação, mudei de nome. Mas era muito precário isso, né.

LOC: E olha que curioso, durante nossa entrevista eu descobri que ela conheceu seu marido, Wolf Hornke, em uma dessas mudanças de casa.

15:14 - 15:29

É, foi um período de vida muito duro. Nessa época eu conheci o meu marido, que a gente está junto desde então.

LOC: Wolf é alemão. E um alemão bem-humorado, diga-se de passagem.

COLOCAR PARTE DELE RINDO

LOC: E ele chegou em São Paulo com sua família, quando tinha 16 anos, em 1961.

Wolf

5851

00:18 - 1:07

Em 64 eu não entendia muita coisa ainda não. Eu lembro que eu não tinha formação política. Meu pai era um militar, militar não, era um oficial da marinha na guerra e era um simpatizante do nazismo. Era nazista, como uma boa parte da população. E a formação política que eu recebi em casa era oportunista e contra a política em geral, como os nazistas do pós-guerra da Alemanha eram.

Wolf

5851

3:41 - 3:55

A primeira passeata que eu participei foi em 66, que eram passeatas já sobre a ditadura. Eram problemáticas, eram perseguidas.

5:53 - 06:04

Aí depois de um tempo eu acompanhei e tal, mas era muito rápido, porque a polícia podia chegar a qualquer hora, e chegava mesmo, né.

LOC: Em 1967, quando já era estudante da Universidade de São Paulo, Wolf buscou aprender mais sobre a história do Brasil através de cursos e grupos de estudo. Foi quando ele se aproximou dos movimentos estudantis.

Wolf

5851

11:17 - 11:36

Eu tinha um trabalho de educação numa fábrica na região de Osasco, era um curso para os trabalhadores da empresa para quem quisesse progredir. E eu era professor lá, eu consegui esse lugar.

11:57 - 12:22

E aí no dia que começou a greve de Osasco eu sugeri aos meus alunos para a gente ir no sindicato, apoiar a greve. E aí fomos, toda a turma. E logo, meia hora depois o sindicato foi cercado. Formou um cerco militar.

12:35 - 13:23

E chegou uma hora que mandaram evacuar. E aí passamos por um corredor polonês.

Luna: O que é isso?

Um corredor polonês é uma galeria de gente bem armada formando um corredor. E aí, você tem que passar no meio, passar por uma seleção, documentos e perguntas. E depois íamos para os ônibus que iam levar a gente para a cadeia, né. Eu fiquei preso vários dias no DOPS. E depois soltaram praticamente todo mundo. Isso foi antes do ato institucional número 5. Essa foi a grande mudança.

LOC: E esse tipo de ação violenta me lembrou de uma fala da Lúcia, sobre os impactos da ditadura nos dias atuais.

Lúcia

8415

00:56 - 1:14

Eu acho que o mais gritante de herança da ditadura militar que não houve responsabilização das pessoas é a violência, que a gente tem visto crescer assustadoramente no país.

2:26 - 2:44

E tudo isso porque o passado ficou impune, né. E ficou impune não só na responsabilização criminal. Ficou impune inclusive na verdade e na memória.

LOC: Uma coisa que eu acho importante compartilhar é que em todas as entrevistas eu pude perceber a frustração na fala das pessoas sobre a falta de impunidade. A Daniela compartilhou uma história que sintetiza bem a importância da justiça.

Daniela

9673

0:42 - 1:46

Quando eu estava entrando no projeto, uma colega, uma amiga da minha idade da Argentina. Eu conto pra ela que estou fazendo parte desse projeto, ela acha super interessante e me conta que há um mês atrás, naquele momento, então estava acontecendo naquele momento... um torturador na época do regime da Argentina é preso e isso dá nos noticiários e tal. Tinha sido preso velho, com cabecinha branca e tal e, de fato, preso. Prisão perpétua. A mãe dela chama os filhos, inclusive ela, na cozinha e fala: meus filhos, eu preciso contar uma coisa pra vocês, que eu nunca contei porque eu tinha medo de que acontecesse algo com vocês e comigo. Mas eu fui torturada por essa pessoa que foi presa hoje, quando eu estava no centro acadêmico, na universidade.

LOC: Essa amiga da Daniela, não imaginava que a sua própria mãe tinha feito parte do movimento estudantil, quem dirá saber que ela foi presa e torturada. Isso só nos dá uma pista de que muitas vivências seguem guardadas apenas em memórias individuais.

Lúcia

8411

03:09 - 3:22

Na minha casa a minha mãe tinha muito medo de que se falasse ou se envolvesse com política, pelo que tinha acontecido com meu pai. Então isso também era negado em casa. E eu cresci totalmente alienada com política.

3:37 - 3:57

Eu tinha uma colega de aula, cuja mãe dela era uma ativista pelo Movimento Feminino pela Anistia. E eu ia muito estudar na casa dela e comecei a ter muito contato com isso e entrei para o movimento, comecei a militar no movimento pela anistia, que depois se transformou, deixou de ser só feminino e se criou um Movimento Brasileiro pela Anistia.

LOC: O movimento deu certo, e a Lei da Anistia foi criada. Mas nem todos puderam ver ela chegar.

4:13 - 4:26

A lei de anistia foi promulgada no dia 28 de agosto e o meu pai faleceu no dia 22 de agosto de 79. Então ele morreu alguns dias antes de ver a anistia chegar.

SOBE SOM

LOC: A Lúcia me contou também que somente depois da Lei da Anistia que a mãe dela começou a falar o pouco que ela sabia sobre o que tinha acontecido com seu pai, Fernando.

A Daniela, atuou entre 2016 e 2018, num projeto chamado Clínicas do Testemunho. Ele foi criado a partir de uma iniciativa da Comissão da Anistia, e até 2016, foi vinculado ao Ministério da Justiça. O objetivo do projeto era que instituições de psicologia e psicanálise criassem projetos vinculados à reparação psicossocial das violências de estado. Foram criados núcleos do projeto em vários estados brasileiros.

Daniela

9667

1:25 - 2:07

Então esse núcleo, eles vão trabalhando juntos e atuando no Estado. Tentando produzir... e isso foi o mais interessante desse projeto... a produção de metodologias clínicas, metodologia clínico-político-social, para dar lugar a essas escutas dessas histórias. Para dar lugar, não só para que esses sujeitos pudessem falar, mas também alterar mudanças dentro da gramática social, da escuta social desses sujeitos. Desindividualizar essas histórias e poder inscrever essas histórias no social como uma memória coletiva, como uma história de todos nós.

E o principal desafio que o Clínicas do Testemunho enfrentou, foi exatamente isso, a naturalidade do silenciamento.

Daniela

9668

00:41 - 1:16

Então o que a gente escutava, de alguma forma, e o que muitas dessas histórias acabam escutando é que isso é coisa do passado, isso deveria ficar no passado. E muitas das pessoas que tiveram que conviver com esses traumas durante décadas... famílias, mais do que pessoas, famílias inteiras, comunidades inteiras afetadas por eventos traumáticos, por pessoas que sumiram, por pessoas que desapareceram e nunca voltaram, por pais e mães que voltaram diferentes para casa e nunca se soube muito bem os motivos.

LOC: A Lúcia traça um paralelo muito interessante entre dois tipos de memória e a necessidade da construção do projeto Clínicas do Testemunho.

Lúcia

8415

3:38 - 3:52

Eu acho que as memórias moram em dois lugares. Elas moram no pensamento e moram na emoção.

4:22 - 4:41

Esse projeto, Clínicas do Testemunho, ele trabalhou com essa morada da memória. Que é a morada do testemunho emocional. Porque tem esse outro lado que eu falei, que é a do pensamento, porque nós temos vários livros que são de memória daquela época.

LOC: As histórias desse episódio revelaram várias ligações, das quais eu não tinha conhecimento. A Daniela que me apresentou a Yara, que conheceu seu marido, Wolf, enquanto fugia. A Lúcia que além de militante, teve um pai preso político. Os documentos históricos do IMDH, que foram descobertos pelo Coletivo do qual a Lúcia faz parte. E outra coisa que eu também não sabia é que a Lúcia fez parte do projeto Clínicas do Testemunho, que a Daniela atuava.

Lúcia

8415

5:05 - 5:20

Eu descobri a morada emocional na Clínicas do Testemunho. Quando eu comecei a testemunhar não a história do meu pai, mas como eu sentia a história do meu pai.

05:25 - 5:43

Quando eu comecei a ver isso, que eu vi que a memória também estava no emocional. Que eu acho que é uma parte que nós temos que resgatar, essa memória emocional. Porque essa memória emocional é que dá cor a essa memória do pensamento.

Yara

5856

1:49 - 02:31

Minhas memórias são memórias, como eu sou né... essencialmente, principalmente... não é essencialmente, é principalmente política. São memórias vinculadas a história do meu país, do meu povo, da minha família e das minhas ideias, dos meus sonhos, e isso me constitui enquanto pessoa.

Lúcia

8411

13:54 - 14:05

Tem um companheiro nosso que diz que é impossível virar a página do livro sem lê-la antes. E nós não fizemos isso, nós não lemos.

LOC: E aqui, mais uma vez, uma fala sobre a repetição.

Quando a gente não conhece profundamente o que se passou, a gente tende a repetir. Por isso que hoje a gente está vivendo num país com um índice de violência tão grande. Porque se normatizou a violência. A ditadura hoje é, inclusive, enaltecida por componentes do atual governo, né. Como necessária, como bem-vinda, né. Enquanto pro mundo inteiro a tortura é um crime de lesa a humanidade, né. Para nós, aqui, ela é natural, é comum. Infelizmente...

LOC: Em nenhum momento surgiu em alguma das minhas falas o nome de Jair Bolsonaro. Até agora. Porque é quase que impossível falar sobre ditadura e tortura sem fazer um paralelo com suas ideologias.

LOC: Como já venho mostrando nesse e em outros episódios, a memória é construída e disputada. E pela perspectiva de Bolsonaro, este episódio começaria assim:

SONORA BOLSONARO: [#AoVivo: Solenidade de Posse e Despedida de Ministros de Estado](#)
1:24:57 - 1:26:08

Hoje são 31 de março. O que aconteceu nesse dia? Nada. A história não registra nenhum presidente da república perdendo seu mandato nesse dia. Porque então a mentira? A quem ela se presta? O Congresso Nacional, no dia 02 de abril de 64 votou pela vacância de João Goulart. Com voto inclusive de Ulisses Guimarães. Quem assumiu o governo nesse dia? Não foi nenhum militar. Foi um deputado federal, presidente da Câmara, de nome Ranielli Mazzilli. Por que omitir isso? O que aconteceu no dia 11 de abril de 64? Tivemos uma eleição indireta na Câmara dos Deputados, à luz da Constituição de 46.

LOC: De acordo com a Agência Senado, o mandato de Ranieri Mazzilli não passou de um “arremedo institucional”, já que quem tinha o poder nas mãos era o “Comando Supremo da Revolução”, formado pelos comandantes das Forças Armadas.

LOC: Mesmo tendo um mandato de 13 dias, Ranieri aprovou o Ato Institucional Número 1, que convocou as eleições indiretas e cassou os parlamentares aliados a Jango.

LOC: As disputas pelas memórias oficiais sempre existiram e sempre vão existir. E a lição que isso nos traz é de pesquisar, olhar para os fatos, escutar os mais diversos testemunhos. Ter um pensamento crítico em todos os aspectos da vida.

2:47 - 4:55

Ao promover essa inscrição tão profunda, tão específica, tão potente que é um testemunho, a história não passa por um circuito da mesma forma. A história caminha em bandas e é como se a gente, o testemunho produzisse um furo nessa banda, na qual a gente caminha de um lado para o outro. Ela produz um corte. E a gente não passa mais pelo mesmo lugar, da mesma forma. Então quem escuta um testemunho, quem lê um testemunho, quem presencia um testemunho, quem se deixa tocar por um testemunho... e uma coletividade que eleva o testemunho, a sua categoria, não passa mais pelas mesmas palavras da mesma forma. Não passa mais pela mesma história da mesma forma. Então quando vem alguém e fala: vamos repetir isso? Isso pode dar certo. Isso não deu certo antes, mas isso pode dar certo agora. É um efeito de corpo que acontece. O não à repetição, é um efeito de corpo. É impossível repetir da mesma forma, é impossível se engajar nessa repetição da mesma forma e é impossível deixar com que ela aconteça da mesma forma sem ficar legitimamente horrorizado. E como fazer disso um testemunho vivo, uma história viva, é que, justamente, ela não nos cause tanto horror a ponto de nos paralisar. Ela precisa nos transformar e produzir isso que nos faz humanos, que, no fim

das contas é a possibilidade de poder falar, de poder trocar, e de poder sensibilizar com a história do outro, sem que a gente, se quer, tenha vivido aquilo. Então que a nossa humanidade de fato possa nos fazer escolher melhores caminhos do que a gente já escolheu na história.

***LOC:** Este episódio é dedicado às memórias dos mortos e desaparecidos, vítimas da ditadura civil-militar e também a todos que sofreram algum tipo de violência pelo simples fato de se expressar.*

SONORA PADRE: [Depoimentos de brasileiros torturados durante a ditadura militar](#)

CRÉDITOS FINAIS ao som de *Apesar de você* - Chico Buarque

7.3 ANEXO C: Roteiro do 3º episódio

ROTEIRO EP. 3 – SOBRE QUEM PARTIU

LOC: A única certeza que temos na vida, é a morte. E essa é uma das frases que mais ouvimos durante nossa existência. Mesmo sendo um assunto delicado, esse é um episódio sobre quem partiu.

LOC: As memórias aqui são de uma vida inteira. Ela pode ter durado 1 mês ou 90 anos. Apesar do tempo de vida, com certeza essas pessoas criaram muitas memórias, tanto nelas, quanto em quem ficou.

Karen

8831

00:18 - 1:10

Ele nasceu com um quilinho, 1 quilo e 20. Bem pequenininho, mas muito forte. Ele não tinha nem a pele formada ainda, assim... era fininha, grudentinha, sabe? Parecia uma lagartixinha. Mas no fim ele tava gordinho, ele tava fofo, cabeludo. E ele era muito queridinho, assim... ele era tranquilo, ele era calminho. Calminho assim, pra dormir, pra ficar ali de boa. Mas ele aprontava muito. Todo dia de manhã cedo quando eu chegava no hospital, o caminho até chegar na UTI era longo. Então eu ia encontrando as meninas da recepção, da faxina, as outras enfermeiras, pelo caminho, assim. E até chegar na UTI eu já sabia tudo que ele tinha aprontado.

Família Pacheco (Claudete)

8279

2:49 - 3:15

Quando tem um bravo dentro de casa a agente diz: ó, o pai tá por aí. Não é a questão que ele fosse uma pessoa muito brava. Mas ele era exigente, ele queria tudo muito perfeito, ele era certinho. Perfeito, perfeito. Ele adorava cozinhar. Quando ele tava em casa era sempre ele que comandava o fogão e tudo. A nossa casa vivia cheia de visitas, porque ele adorava fazer almoço final de semana e tudo. Era o cara como nós dizíamos, né.

RODA VINHETA

LOC: Somos cercados de memórias de pessoas que já partiram. Seja no paladar, numa música, cheiros ou fotos. Essas coisas tem o poder de nos transportar em 1 segundo para uma pessoa ou momento. Essas coisas são tão vivas, que até quem partiu, acaba voltando por alguns instantes. E esses instantes, mesmo sendo instantes, tem um grande poder. E chamo assim, porque os sentimentos que as memórias nos causam podem ser tantos... e tantos ao mesmo tempo. Nostalgias gostosas, que podem causar dores e estranhezas no próprio corpo. Mas o que seríamos sem elas?

SONORA Modern Love: [Minnie Driver's Scene That Made Everyone Bawl Their Eyes Out | Modern Love | Prime Video](#)

Karen

8835

2:32 - 4:27

Eu adoro falar dele para as pessoas, falar como ele era. Foi muito bem que ele me fez e que ele me faz. Foi muita importância dele na minha vida e eu não quero que ele seja esquecido, que ele se apague.

LOC: A Karen e seu marido Eliel, tiveram um filho em 2020. O Nicolas era muito esperado por toda a família, que mesmo com as complicações do nascimento prematuro, viveram com ele 85 dias intensos e cheios de amor e lições.

Karen

8835

2:32 - 4:27 - continuação do trecho anterior

Hoje eu tenho uma filhinha, que eu engravidei dois meses depois da morte dele. Então a idade dela é muito próxima. Eles tem um ano e um mês de diferença, do nascimento. E eu falo muito dele para ela, muito. Mostro foto, tudo. E agora que ela já tá começando a falar... ela fala. Ela aponta para a foto e ela fala: mano. E aquilo ali me dá muita alegria. Porque eu quero que ela saiba que ela tem um mano. Que não está aqui fisicamente, mas que ele está olhando por ela, ele tá junto com a gente. E eu quero que ela tenha amor por esse mano, como eu tenho certeza que ela já tem.

SONORA BEATRIZ: olhando pra foto e falando: Nicolas!

Como ela tem pelo vovô, que é meu pai que faleceu agora, 7 meses. Então ela tinha oito meses quando ele faleceu. E tem bastante foto dele espalhada pela casa e tudo. E ela vê as fotos e fala sempre: vovô, vovô. Ela aponta, ela fala muito dele. Ela quer pegar a foto dele na mão. Ela vê algum objeto dele espalhado pela casa, ela aponta e ela fala: vovô. Então isso tudo também é uma forma de manter vivo, né. Os objetos, as fotos, a gente falar da pessoa, contar histórias. Então tudo isso faz, pra mim, faz ele estar sempre vivo.

LOC: Esse episódio de Onde vivem as memórias é principalmente sobre quem partiu mas, também, sobre quem ficou. As duas famílias que compartilham aqui as memórias de uma vida, tem uma coisa em comum: a adoração pelos que se foram. O Nicolas tinha 85 dias de vida e o Pacheco, 58 anos. Esse contraste na idade é proposital e tem o objetivo de passar uma mensagem:

Karen

8835

1:53 - 1:59

Não é o número de dias que tu viveu que determina a importância que tu tivesses na vida de alguém.

Família Pacheco (Claudete)

8220

7:54 - 9:42

Eu quando penso nele, penso num cara que se doava por inteiro para as outras pessoas. Não só pra nossa família, mas para estranhos também. Teve várias passagens da nossa vida que marcou muito pra mim.

LOC: Ela conta uma história em que, na época, eles passavam por uma dificuldade financeira e foram fazer compras no supermercado. Quando estavam no caixa, um homem se aproximou e falou:

Bá, cara, como eu queria levar pra minha mulher essas coisas pra ela fazer um almoço pras crianças amanhã, mas não tenho dinheiro. E daí, assim, a gente já numa dificuldade né. Mas ele disse pro dono da venda assim: eu quero que o senhor arrume tudo que tem aqui pra ele também, que eu vou pagar também. E o cara levou e eu ainda briguei com ele. Eu disse pra ele: meu Deus, né. Como se a gente tivesse nadando em dinheiro. “Não estamos, Claudete. Mas nós temos para nos alimentar, ta bom. Ele não tem. Eu tive que dar”. Essa coisa eu nunca mais esqueci na nossa vida. Foi lá no começo do nosso casamento. Mas pra mim serviu como uma lição muito grande, para depois, quando eu tive oportunidades, não medir esforços também para fazer esse tipo de atitude. Porque foi ele que me ensinou assim, eu era mais mesquinha no começo da nossa vida e aprendi muito com ele, muito, muito, muito. Ele não tinha muito o hábito de ir em missa, mas eu costumava dizer que ele era melhor pessoa do que eu, que pra me sentir bem tinha que ir lá, todo domingo na missa rezar, até hoje sou assim. E eu tenho certeza que o coração dele era maior do que o meu, porque ele era uma pessoa muito do bem.

LOC: Essa é parte da família do Alcedir Miguel Pacheco dos Santos, ou só Pacheco mesmo. Ele foi uma das vítimas da COVID-19 e faleceu em 2021. Durante sua trajetória de vida, ele conheceu a Claudete, com quem foi casado por 35 anos. E com ela, criou seus 3 filhos. A caçula Flávia, o do meio, Pacheco Júnior (que leva o nome do pai) e a mais velha, Fabrinia. Depois de muitos desencontros de agenda, conseguimos marcar a entrevista. Bem no dia 18 de junho, a data de aniversário do Pacheco.

Família Pacheco

8280

Júnior

12:31 - 12:46

O meu pai foi uma pessoa que não teve muito estudo. Ele não teve muita oportunidade de estudar, começou a trabalhar muito cedo. E eu vejo que a inteligência que ele tinha era a perseverança de... se ele precisava fazer aquilo ali, era ele que tinha que fazer, ele ia lá e fazia.

LOC: Era um sábado no final da manhã, no dia da entrevista, quando a Flávia me mandou uma mensagem sobre um imprevisto que aconteceu:

RODA MENSAGEM WHATS APP

LOC: E até tentando resolver aquele problema, eles lembraram do pai e da lição de perseverança que ele passou.

Família Pacheco

8280

Júnior

13:18 - 13:47

Hoje de manhã a gente tava ali naquela função do cano e eu olhei pra mãe e disse assim: cara, eu não faço ideia de onde tá esse cano. Porque a gente não sabe, foi ele que fez.

LOC: O Júnior fala isso, porque praticamente a casa inteira foi construída pelo Pacheco.

Júnior

Então cava um pedaço ali, cava um pedaço aqui, mas eu toda hora tava pensando assim: quem que vai achar o cano? Tem que ser eu pra achar o cano, porque se sou eu que to mexendo, eu vou ter que achar o cano. Então até que meio dia a gente achou o cano, tá lá pra arrumar ainda, mas é insistência, né. Mas acho que isso era muito dele.

LOC: Fotografia é dos objetos que podem ser comparados a uma máquina do tempo. E para quem está contando as histórias desse episódio, elas são muito importantes.

Karen

8833

00:11 - 1:04

Eu gosto muito de foto, eu sou muito de foto, muito visual. E na UTI era proibido bater foto, então nesses 85 dias eu fiz só 2 mil cento e poucas fotos dele (risos). Escondida, clandestina. E eu mandei revelar muitas fotos, tem fotos dele espalhadas pela casa. E na casa dos meus irmãos tem foto dele, na casa do meu sobrinho tem foto dele na geladeira. E isso pra mim é muito especial. Ver que ele continua vivo, não só pra mim. Mas pros outros também, pras outras pessoas da família que também tratam com esse carinho.

Família Pacheco

8281

Flávia

00:07 - 00:29

Por mais que antes a gente batesse foto, agora a gente faz muito mais isso. Às vezes a gente mostra até demais, não porque a gente quer mostrar pros outros. Ah, porque a gente tá fazendo uma janta, não é pra mostrar, mas é pra ter aquele arquivo ali e lembrar. Meu como foi bom aquele dia, nesse dia aconteceu tal coisa, nesse dia a gente foi em tal lugar. Então é muito importante. A gente faz muito mais isso depois que a gente perdeu o pai.

Karen

8833

1:11 - 1:49

Sabe, trata ele como uma pessoa que realmente existiu. Não é porque a vidinha dele foi tão curta que não foi importante, que não foi marcante. Então as fotos me trazem essa coisa muito boa. E as coisinhas dele, apesar de que não podia usar roupinha, nada. Foi muito pouca coisa que ele usou na UTI. Mas tudo que ele usou eu tenho guardadinho. Então assim, uma touquinha que colocavam nele, um sapatinho que foi a única coisa que ele usou, por um dia só, mas que fui eu que levei, né. Que foi um presente.

Família Pacheco

8280

Flávia

00:40 - 00:50

Tem muita foto que a gente tem do pai que é ele rindo, ele fazendo palhaçada, porque ele ficava sério e a gente falava: Meu Deus, ri pra foto. E ele dava um sorrisão arregalado, forçado.

Karen

8833

2:02 - 2:29

Então eu tenho uma caixinha de recordações. Aquilo ali me faz viajar, sabe. As fotos me remetem para aquele momento e a caixinha de objetos me levam pra ele mesmo, lá pra dentro, parece que eu to ali vendo ele. Talvez a caixinha não seja tão fácil de olhar, quanto as fotos.

Família Pacheco (Claudete)

8280

23:45 - 24:47

Claudete: Teve um momento lá na UTI que dizem que a pessoa entubada, sei lá se tá ouvindo a gente ou não, não sei até que ponto fica ligado nesse mundo aqui. Mas aí tinha uma música que eu e ele sempre escutamos fazendo faxina aqui em casa. Daí eu coloquei a música no celular. Chegamos todos lá na UTI pra ver ele e eu coloquei o celular no cantinho do ouvido dele, me debrucei nele e falei: trouxe a nossa música, porque eu já tô com saudade de ouvir. To ouvindo sozinha só, você aqui e eu lá, né. Vamos ouvir juntos. E aí eu coloquei aquela música e ele derramou lágrimas.

Flávia: Ele já estava entubado, não tinha mais contato, né.

Claudete: É um momento assim que também não sai da minha cabeça. Parece que a comunicação... a gente teve ainda aquela comunicação, né. Sei lá o que se explica dessas coisas da partida.

Luna: Nossa, que forte isso, né!

Claudete: Muito, bem forte.

Luna: E qual que era a música?

Família canta junto

SONORA MÚSICA: [Leandro Borges e Sandrinha - Um Refrão Pra Sua Alma \(Não se preocupe, tenha calma\) \(Ao Vivo\)](#)

Karen

8832

0:46 - 1:32

A mão dele era tão minúscula que não tinha como eu pegar na mão, mas eu botei meu dedo e ele segurou o meu dedo tão forte, tão forte que a pontinha do dedo dele chegou a ficar branca de força. E naquele momento ali eu disse pra ele: filho, a mãe nunca mais vai soltar a tua mão. Eu sempre vou estar aqui, sempre vou segurar tua mão pra tudo, em todos os momentos. E a partir dali... nem sei te dizer. Mudou completamente a minha vida. Não tinha o ar que eu respirasse que eu não lembrasse dele.

LOC: Como o Nicolas nasceu antes do tempo, ele teve que ir direto pra encubadora e a Karen só pode ver ele pela primeira vez dias depois do parto. E esse momento foi um dos mais marcantes, assim como o dia em que ela, o Eliel (pai do Nicolas e marido da Karen) tiraram essa foto juntos.

Família Pacheco

8280

9:44 - 9:50

Flávia

Uma coisa que a gente aprendeu muito depois que o pai partiu, que infelizmente tem coisa que a gente só enxerga quando a gente não tem mais, né.

10:03 - 10:14

Eu vejo que depois que o pai partiu a gente muito mais em falar qualquer coisa que vá chatear o outro. A gente pensa, poxa, amanhã pode não estar mais aqui... então vamos relevar.

10:31 - 10:39

Então depois que ele faleceu realmente, aqui em casa, a gente está muito mais calmo, muito mais unido um com o outro. Muito mais família do que a gente era antes.

LOC: No dia 24 de dezembro, véspera de natal, a Karen, quando chegou no hospital, notou uma movimentação inusitada da equipe do hospital entrando e saindo da UTI que estava o Nicolas. Algumas pessoas saíam com lágrimas nos olhos e ela pensou ser a sensibilidade do clima de natal, mas quando chegou lá ela teve uma surpresa.

Karen

8832

3:54 - 5:00

Quando eu entrei eu dei bom dia e eu vi que algumas meninas estavam com o celular filmando, me filmando, e eu não entendi. Primeiro eu dei bom dia pra elas e quando eu fui pra encubadora pra ver ele tava com uma roupinha de ajudante de papai-noel, bem lindo assim. Era a primeira vez que eu via ele de roupinha e tava vestido de ajudante de papai noel que uma das médicas tinha colocado. E tava muito lindinho assim... e naquele dia, pela última vez, eles iam tentar tirar o tubo. E não podia entrar quase ninguém na UTI, mas naquele dia como tava só ele, entrou praticamente toda a equipe do hospital. Não de uma vez, eles foram em turmas. E eles fizeram uma roda em volta da incubadora dele e deram as mãos e fizeram uma oração por ele, pra dar tudo certo naquele dia. E foi tão lindo! E eu tenho essa lembrança linda do natal, sabe. Foi muito amor, muito, muito amor em volta dele, pra ele.

Família Pacheco

8280

Júnior

18:42 - 19:09

Eu acho que as pessoas que faleceram de COVID, foi realmente uma coisa mundial, então ninguém espera. O pai tava aqui com tosse, levei no médico e o cara falou assim pra mim: teu pai não sai daqui. Po, tomei café com ele 8h da manhã, 10h da manhã não sai daqui. Daí eu falei pra mãe: esse cara tá doído. Então a gente não espera.

19:15 - 19:53

Eu também não me via sem o meu pai, lógico. Quando eu era mais novo eu lembro que eu dizia pra minha mãe assim: eu quero ser o primeiro a morrer. Porque eu não quero enterrar ninguém, achei que eu não suportaria. Mas quando chega o momento você tá preparado, querendo ou não foi pra uma melhora familiar, um crescimento pessoal de cada um. Não sei se estaríamos tão avançados com ele aqui, né. Então tem que olhar o lado positivo, infelizmente a gente não teve escolha. Foi feito tudo que dava, levei no médico que dava, fiz tudo que dava, tudo que estava no meu alcance, só que aí não dependeu mais da gente, né. Aí já era coisa de Deus, era o momento dele.

20:01 - 20:23

Mas eu tenho o meu coração bem tranquilo porque eu vivi com ele, eu aproveitei, eu dei risada, eu chorei. Ah, eu queria dar mais um abraço? Lógico. Mas eu fui um filho que levei passear, levei pro laser, pra pescar, o que deu. Então isso me conforta.

Família Pacheco

8281

Claudete

01:42 - 1:56

As memórias vivem primeiro no meu coração, depois na minha mente e depois, claro, misturado a memória com a saudade, nas comidas, no lazer, nos passeios, né.

Karen

8833

2:52 - 3:52

Hoje que eu tô em paz com isso, quando eu lembro dele é com alegria. Não é com mágoa por qualquer coisa errada que possa ter acontecido no hospital, digamos assim. Não é com nenhum sentimento negativo, de verdade. É só com amor, com alegria, com gratidão por poder ter sido mãe dele. Por ser mãe dele, porque eu não vou deixar de ser, eu vou ser pra sempre, continuo sendo, porque ele continua existindo. E por tudo que ele ensinou em tão pouco tempo. Eu sou grata por ter sido ele o meu professor pra todas essas coisas. Que hoje em dia, cada vez mais vão fazendo sentido. Tudo que ele me ensinou a cada dia que passa vai ficando mais forte, parece. Vai fazendo mais sentido mesmo as lições que ele deixou.

CRÉDITOS FINAIS ao som de Encontros e Despedidas - Maria Rita